UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA

SAMIRA SANTANA QIAN

O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA:
A RELEVÂNCIA DA PRESENCIALIDADE E DA COLETIVIDADE

CHAPECÓ
2025

SAMIRA SANTANA QIAN

O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA:

A RELEVÂNCIA DA PRESENCIALIDADE E DA COLETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Maria Andreis

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Qian, Samira Santana
O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A RELEVÂNCIA DA PRESENCIALIDADE E DA COLETIVIDADE / Samira Santana Qian. -- 2025.
43 f.:il.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Adriana Maria Andreis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Geografia, Chapecó,SC, 2025.

1. trabalho de campo; paisagem; formação do professor; ensino de geografia.. I. Andreis, Adriana Maria, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SAMIRA SANTANA QIAN

O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA:

A RELEVÂNCIA DA PRESENCIALIDADE E DA COLETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 04/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ADRIANA MARIA ANDREIS
Data: 05/07/2025 12:07:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Adriana Maria Andreis – UFFS Chapecó/SC
Orientadora – presidente da banca

Documento assinado digitalmente
gov.br
CLAUDIA ELIANE ILGENFRITZ
Data: 08/07/2025 10:25:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Drª. Cláudia Ilgenfritz – UFFS Cerro Largo RS
Avaliador externo

Documento assinado digitalmente
gov.br
GISELE LEITE DE LIMA PRIMAM
Data: 09/07/2025 16:36:07-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Drª. Gisele Leite de Lima Primam - UFFS Chapecó/SC
Avaliador interno

Dedico este trabalho aos meus queridos
avôs, que, mesmo não estando mais
presentes fisicamente, continuam vivos
em minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família que sempre fizeram de tudo por mim, por me apoiarem e acreditarem em mim. A minha mãe, meu pai e irmãos que dedicaram momentos de suas vidas para cuidar de mim, agradeço eternamente por todo cuidado, amor e carinho, vocês são o reflexo do que me tornei e do que conquistei.

Aos meus avôs Egmar Herrera e Amaro Cecílio, que infelizmente não estão presentes em vida, mas que sei que estão torcendo por mim independente de onde estejam, agradeço a todos os momentos de carinho e palavras de apoio, vocês foram exemplos de força e sabedoria, dedico a vocês esse trabalho que me leva ao meu primeiro diploma.

Ao meu namorado e futuro esposo Eduardo, agradeço por me apoiar por todos os momentos, me incentivar e me lembrar que eu sou capaz mesmo quando eu mesma duvidei disso, obrigada por estar ao meu lado sempre que precisei, por todo o amor paciência e abrigo, essa conquista também é sua.

Às minhas avós, Maria Aparecida e Maria José, a força de vocês serviu de apoio e inspiração, agradeço por cuidarem de mim, me darem amor e atenção e mesmo de longe torceram por mim.

A minha tia Andréia que me acolheu como filha e fez parte de toda minha trajetória acadêmica, me auxiliando e me dando apoio, obrigada, você é como uma segunda mãe para mim.

A todos da minha família e amigos que sempre me deram conforto, ajuda e amor, cada um de vocês faz parte dessa conquista.

Por fim, meus sinceros obrigada aos meus professores que ao longo da minha jornada sempre me deram auxílio e apoio. A minha orientadora Adriana Andreis serei eternamente grata por me guiar e me ajudar nesse momento tão importante da minha graduação.

RESUMO

O trabalho de campo (TC) ao longo da história vem fazendo parte de diversos processos da formação do pensamento geográfico, por sua possibilidade de articulação entre a realidade espacial e os conceitos, e pela abertura às relações de observação e compreensão da paisagem. O objetivo principal desta pesquisa, é compreender a importância do trabalho de campo na formação do professor de geografia, para tanto, são consideradas as dimensões principais: a formação do professor de Geografia; o trabalho de campo e o conceito de paisagem. A formação do professor é considerada um processo contínuo, envolvendo tanto a habilitação formal quanto o aperfeiçoamento constante na prática, na qual o trabalho de campo é uma metodologia que auxilia por permitir uma compreensão mais profunda e crítica da paisagem. A paisagem, por sua vez, abre para uma percepção complexa que inclui elementos visuais e sensoriais, essenciais para o entendimento geográfico, O método da pesquisa envolve natureza teórica pelo estudo de publicações, e natureza empírica, pelo acompanhamento de trabalhos de campo na licenciatura em Geografia. Durante a investigação, foi possível constatar que no trabalho de campo os alunos se sentem mais curiosos e interessados, fazendo perguntas e comentando sobre o que está sendo estudado. A pesquisa ofereceu discussões que reforçaram a importância do trabalho de campo na formação do professor de Geografia, não só demonstraram que o trabalho de campo é fundamental na formação do professor de Geografia, mas também que é fundamental que seja realizado de modo presencial e coletivamente.

Palavras-chave: trabalho de campo; paisagem; formação do professor; ensino de geografia.

ABSTRACT

Fieldwork has historically been part of various processes in the development of geographical thought, due to its ability to connect spatial reality with theoretical concepts, as well as its openness to observation and understanding of the landscape. The main objective of this research is to understand the importance of fieldwork in the training of geography teachers. To this end, three key dimensions are considered: the training of geography teachers; fieldwork; and the concept of landscape. Teacher training is regarded as a continuous process, involving both formal qualification and ongoing professional development, in which fieldwork serves as a methodology that supports deeper and more critical understanding of the landscape. The landscape, in turn, allows for a complex perception that includes both visual and sensory elements, which are essential for geographical understanding. The research method involves both a theoretical approach, through the study of publications, and an empirical one, through the observation of fieldwork activities in geography teacher education. During the investigation, it was observed that students showed increased curiosity and engagement during fieldwork, asking questions and making comments about what was being studied. The research provided discussions that reinforced the importance of fieldwork in the training of geography teachers, demonstrating not only that it is essential to teacher education, but also that it should be conducted in person and collectively.

Keywords: fieldwork; Landscape; teacher education; geography teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - CEOM.....24
Figura 2 - Artefatos expostos no CEOM.....25
Figura 3 - Parque Estadual do Turvo.....26
Figura 4 - Museu do Parque Estadual do Turvo.....27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Roteiro de Pesquisa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
COVID-19	*Corona Virus Disease*
TC	Trabalho de campo
CEOM	Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1.1 METODOLOGIA 14

2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA 16

2.1 O TRABALHO DE CAMPO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO 17

2.2 O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA 20

3 A PAISAGEM NO TRABALHO DE CAMPO 22

3.1 A PAISAGEM NO TRABALHO DE CAMPO DA GEOGRAFIA 22

3.2 ANÁLISE DOS TRABALHOS DE CAMPO ACOMPANHADOS 24

4 POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR 29

CONSIDERAÇÕES FINAIS 34

REFERÊNCIAS 36

INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa foi inspirado pelas vivências da autora durante sua jornada acadêmica no curso de graduação de Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no *campus* de Chapecó, no Estado de Santa Catarina. No primeiro semestre, realizado de forma assíncrona, as aulas eram realizadas via reuniões online, utilizando plataformas como *Google Meet* e *Webex.* Isso foi parte da vivência da pandemia do COVID-19, uma infecção respiratória aguda causada pela coronavírus SARS-CoV-2[1], potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Essa pandemia manteve grande parte do mundo em quarentena, privando a população de realizar diversas atividades rotineiras e forçando a adaptação a novas formas de execução dessas tarefas, especialmente na área da educação.

As aulas online durante a pandemia privaram os alunos, desde a educação básica até a graduação, de realizarem atividades presenciais. Chamou à atenção, especialmente, uma das atividades características do curso de Licenciatura em Geografia: o trabalho de campo (TC). Essa metodologia inerente ao curso tem como característica ser presencial e coletiva. Contudo, durante a pandemia, foi necessário encontrar alternativas para realizá-los, uma vez que não era possível o encontro em grupo e nem as atividades em campo. A experiência vivida, suscitou o interesse neste tema, pensando sobre a importância e as implicações do TC na formação do professor.

Seguindo esses fatores, essa pesquisa tem como fundamento base o trabalho de campo, metodologia utilizada nos estudos da Geografia (e de outras áreas da ciência) para analisar, reconhecer, pesquisar e fazer reflexões sobre o trabalho de campo na formação do professor de Geografia. Essa problemática investigativa nasce e remete à pergunta da pesquisa: por que é importante que o trabalho de campo seja realizado presencialmente? Essa questão requer que entendamos todos os seguintes fatores desde o início: a formação do professor, o estudo da paisagem e o trabalho de campo. Considerando essa questão, o objetivo

---

[1] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). A pandemia de Covid-19: história, política e biologia. Disponível em:https://coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/a-pandemia-de-covid-19-historia-politica-e-biologia/. Acesso em: 23 mar. 2025.

geral da pesquisa é analisar a relevância do trabalho de campo na formação do professor de Geografia, para pensar aspectos fundamentais ao processo de ensino articulado com a realidade.

Cada capítulo da pesquisa responde a um objetivo específico. Assim o intitulado de “A formação do professor de Geografia” tem como objetivo discutir a importância do TC na formação do professor de geografia. O capítulo seguinte intitulado de “A paisagem no trabalho de campo” tem como objetivo analisar as relações do TC para a formação do professor de Geografia, e o último capítulo intitulado “Potencialidades e desafios do trabalho de campo na formação do professor” tem como objetivo debater a relevância e os desafios do trabalho de campo para a formação do professor.

1.1 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia é composta por dois procedimentos principais: estudo bibliográfico em referenciais de estudos da Geografia e a pesquisa empírica, que a seguir explicitaremos.

O estudo bibliográfico, por sua vez, consiste na leitura e análise de registros acadêmicos e artigos científicos relevantes, artigos, livros e capítulos de livros que discutem o trabalho de campo na formação do professor de geografia. A prospecção desses materiais teóricos foi realizada por meio de pesquisas no google acadêmico, utilizando as palavras chaves da pesquisa – trabalho de campo, paisagem, formação do professor e ensino de geografia. Esse método permitiu a construção teórica necessária para compreender a importância e as formas de execução de trabalhos de campo no ensino da Geografia, na interface com a formação do professor.

A pesquisa empírica cria conhecimento a partir da experiência prática e observacional, enquanto a pesquisa teórica se baseia na análise de livros, artigos e conceitos já elaborados. Quando realizamos um trabalho de campo, observamos paisagens, entrevistamos moradores ou analisamos documentos históricos de um lugar, estamos realizando uma pesquisa empírica e também qualitativa, pois está produzindo conhecimento a partir da experiência direta.

O estudo empírico do tema investigado foi realizado por meio do acompanhamento e participação em dois Trabalhos de Campo (TC), realizados no

âmbito do curso de Licenciatura em Geografia da UFFS, *Campus* Chapecó. A pesquisa de campo foi escolhida por sua prática, permitindo a observação direta da aplicação da metodologia no ensino. A observação foi realizada por mim em dois ambientes diferentes e dias distintos. A escolha foi feita a partir da facilidade em acompanhar os campos. No campo empírico, foram realizadas observações do processo de pré-campo onde o professor orienta os alunos sobre o que será analisado durante o trabalho de campo. No momento do trabalho de campo, foram analisadas a própria realização do campo, e o que foi discutido durante o processo, e o pós campo, onde foi observado se os alunos receberam mais alguma orientação ou trabalhos a fazer sobre o que foi visto.

Essas análises foram feitas seguindo um roteiro previamente elaborado por mim, com perguntas orientadas para a análise da eficácia do método, a integração entre teoria e prática, e as contribuições para a formação crítica dos estudantes, isso sem realizar perguntas diretas aos demais participantes, para não interferir nos resultados. Ao final, os dados obtidos são discutidos com o amparo das leituras realizadas na pesquisa bibliográfica, buscando identificar convergências e divergências entre a prática observada e os referenciais teóricos. O roteiro foi previamente elaborado com as seguintes perguntas:

1. Por que esse Trabalho de Campo (TC) foi realizado? Qual o contexto no qual se insere?
2. Teve alguma orientação antes do TC?
   a. Caso a resposta seja não, comente como a turma se organizou para o TC.
   b. Caso a resposta seja sim, explique o que foi orientado e como foi realizada a orientação antes da realização do TC?
3. Onde, quando e quem participou do TC?
4. Quais recursos ou materiais foram necessários e utilizados antes, durante e depois do TC?
5. Explique qual o papel realizado pelo professor no TC: antes, durante e depois do TC.
6. O que coube aos alunos/participantes do TC realizar: antes, durante e depois do TC.
7. Quais conteúdos foram trabalhados?

8. Qual a relação dos conteúdos com o local onde ocorreu o TC?
9. Teve alguma intercorrência/problema? Qual? Por quê?
10. Comente descrevendo o que você considera importante registrar, e que não aparece nas questões anteriores?

Essas perguntas tiveram o objetivo de entender como funciona o TC e por que é realizado com os alunos de tal disciplina, a fim de compreender se o TC está diretamente ligado ao conteúdo visto em sala de aula e se os alunos conseguiram compreender o porquê de aquele TC estar inserido em tal disciplina.

Ao final, os dados obtidos foram discutidos com o amparo das leituras realizadas na pesquisa bibliográfica, buscando identificar convergências e divergências entre a prática observada e os referenciais teóricos. Os dados obtidos e registrados, tanto na pesquisa bibliográfica quanto na observação de campo, foram utilizados na construção de uma análise crítica sobre as práticas de TC na formação do professor de geografia. Essa análise permitiu a formulação de conclusões sobre a relevância da metodologia observada para a formação acadêmica dos estudantes.

2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Este capítulo tem como objetivo discutir a importância do TC na formação do professor de Geografia. O conjunto está organizado em partes: na primeira parte introduz-se e comenta-se o TC na história do pensamento geográfico, a fim de compreender de onde o TC surgiu e como se transformou no que é hoje. Na segunda parte, o TC na formação do professor de geografia é discutido para destacar o papel do TC na formação do professor de Geografia. A formação do professor de geografia passa por diversas etapas até chegar ao diploma, uma dessas etapas é o TC, onde o docente reconhece no espaço (muitas vezes desconhecido) fatores que visualiza em sala, tanto físicos, onde os alunos conseguem ter contato e observar na realidade como o espaço funciona, quanto humanos, que podem ser feitos por leituras e observações econômicas e sociais de um ambiente, muitas vezes analisando o resultados causados por esses dois fatores na transformação de um ambiente.

No Brasil, a formação de professores de Geografia tem sido objeto de diversos estudos acadêmicos (Oliveira, 2018; Callai, 2017; Silva, 2020), que destacam a necessidade de uma abordagem mais integrada que reúna o conhecimento específico da disciplina e práticas pedagógicas bem-sucedidas. Isso sugere que o conhecimento disciplinar deve estar relacionado com o desenvolvimento de métodos de ensino que sejam interativos e altamente simbólicos (Loureiro; Rosa, 2015). Historicamente, a formação inicial de professores de Geografia focava na transmissão de conteúdos teóricos, muitas vezes carecendo daquele aspecto didático-pedagógico essencial para um bom ensino. Essa abordagem separava a academia das escolas, levando os professores a não atenderem completamente todas as suas necessidades educacionais básicas (Santos; Ferreira, 2020).

Segundo Callai (1995), a formação do professor de Geografia abrange dois momentos fundamentais: a formação inicial, adquirida na licenciatura e sujeita a constante avaliação crítica, e a formação continuada, caracterizada por um processo permanente de reflexão sobre a prática docente. A formação inicial deve articular fundamentos teóricos, conteúdos específicos e estratégias pedagógicas, considerando também aspectos psicológicos da aprendizagem. É essencial que

esse processo formativo esteja inserido em um contexto de diálogo entre os diferentes níveis de ensino, promovendo uma atuação docente mais integrada e consciente na formação cidadã.

O TC é visto como uma forma de os professores desenvolverem habilidades de pensamento e raciocínio geográfico. Experiências de campo satisfatoriamente organizadas os ajudam a ler e interpretar o espaço geográfico, o que enriquece a prática de ensino (Nunes et al., 2020). As reformas curriculares nos níveis nacional e estadual também afetam a formação e as práticas pedagógicas dos professores de Geografia. Estudos indicam que essas reformas, muitas vezes impulsionadas pelas demandas do mercado de trabalho, podem prejudicar a recontextualização e a prática de ensino, afetando negativamente tanto a disciplina quanto os papéis dos professores (Lopes; Silva, 2021).

A formação de professores de Geografia deve promover uma boa interação entre as disciplinas específicas de Geografia e as disciplinas pedagógicas. Essa interação é crítica para estabelecer um conhecimento de ensino que permita uma prática educacional reflexiva e contextual para lidar com as complicações da educação atual (Cavalcanti, 2008). Também se deve incentivar uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Isso inclui levar em consideração experiências anteriores, para que futuros professores em todos os níveis — desde o ensino primário até o universitário — compreendam consistentemente as oportunidades formativas e os períodos de orientação para os estudantes no âmbito da educação para o bem-estar geral (Gonçalves; Pontuschka, 2014).

Em suma, a formação de professores de Geografia precisa de uma abordagem que integre o conhecimento específico da disciplina com práticas pedagógicas eficazes, levando em consideração influências ideológicas das políticas educacionais e incentivando uma reflexão crítica sobre a prática de ensino. Esse estilo de formação é uma necessidade para o desenvolvimento de uma educação em Geografia que seja significativa, crítica e contextualizada.

2.1 O TRABALHO DE CAMPO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Para refletir sobre a necessidade e importância do TC como metodologia importante para a geografia, é necessário voltar para pressupostos base, ou seja,

para a história do pensamento geográfico. A origem dessa metodologia surgiu em meados do século XIX por Karl Ritter e Alexander Von Humboldt que utilizaram do TC como ferramenta para obter resultados geográficos, fazendo análise das paisagens. Ao longo da história da ciência Geográfica, o TC passou de principal técnica do geógrafo para obtenção de informação na Geografia Clássica para um recurso limitado e negligenciado na Geografia Teorética-Quantitativa (Alves, 2012). Pode-se dizer que

> o trabalho de campo esteve presente como uma atividade de fundamental importância para a Geografia desde os viajantes da Antiguidade, passando pelos naturalistas e os organizadores da Geografia Moderna [...] (Sansolo, 2000, p. 135).

A geografia para Karl Ritter, segundo Alves (2021), não poderia ser apenas teórica ou especulativa, mas sim uma disciplina que necessita de uma observação sistemática dos fenômenos geográficos, sendo uma geografia com experiências diretas, no campo, para compreender a paisagem e os aspectos sociais. Por outro lado, Alexander von Humboldt combinaria a observação empírica com a análise quantitativa de dados facilitando o estudo em campo entre sociedade e naturezas. A trajetória do TC na Geografia, tem início com as expedições naturalistas que são consideradas as origens do TC na ciência Geográfica.

Essas expedições estão associadas ao nascimento da própria ciência Geográfica, quando a observação da paisagem era uma atividade essencial, realizada com uma abordagem estética e romântica, com relatos, descrições, diagramas, gravuras e pinturas. De acordo com Alves e Monteiro (2021), na obra *Características do Trabalho de Campo na História do Pensamento Geográfico*, podemos notar que o TC tem cumprido funções distintas e complementares no desenvolvimento da Geografia, de acordo com as variadas correntes teórico-metodológicas. A partir de uma perspectiva quantitativa, o TC adquiriu importância na coleta sistemática de dados secundários, particularmente baseados em estatísticas, censos e mapas temáticos a partir da década de 1950, com um forte foco no planejamento estratégico e na construção de modelos espaciais. Essa visão tentou ler a realidade segundo uma metodologia quantitativa, dando preeminência ao estudo de variáveis mensuráveis e objetivas e frequentemente se afastando do contato direto com o território, introduzindo uma novidade na dinâmica do TC, onde

a metodologia passou a ser vista como limitada à coleta de dados secundários e análise numérica.

A geografia humanista, por outro lado, conforme enfatizado por Alves e Monteiro (2021), deu atenção no TC ao qualitativo e interpretativo, buscando compreender as experiências, sentimentos e emoções das pessoas, na medida em que sua percepção espacial estava em questão. Deve-se enfatizar que se pode trabalhar na fenomenologia, insistindo na experiência subjetiva do fenômeno espacial e sua compreensão, focando na experiência do pesquisador (corporalidade) e na experiência vivida no campo. Assim, o TC orientado para o humanismo ajudou a ampliar a compreensão da relação emocional e cognitiva dos sujeitos com o espaço, o que apoiou uma análise mais empática e subjetiva dos fenômenos geográficos.

No sentido crítico, o TC é considerado um instrumento básico de compreensão da realidade social e espaço-ideológica, e é destacada a dimensão crítica, questionando estruturas de poder e elevando a consciência sobre o fato de que os sujeitos participam da produção do espaço. Alves e Monteiro (2021) destacam que essa perspectiva considera o TC como um momento central em uma pesquisa, por meio do qual pode ser construído um conhecimento que subverte categorias tradicionais, e um diálogo com a população local, contribuindo para a transformação social, pode ser estabelecido. Essa visão enfatiza a interpretação contextualizada, o engajamento ético, e o protagonismo comunitário de uma prática geográfica mais democrática e responsiva.

A partir dessas influências, o TC tornou-se essencial na construção do conhecimento geográfico, permitindo que os geógrafos se envolvessem diretamente com os territórios, as paisagens e as dinâmicas espaciais. Isso também estabeleceu uma linha de continuidade que influencia até hoje a metodologia geográfica. Trabalhos antigos eram caracterizados pela tentativa de registrar, de forma detalhada, as paisagens físicas e humanas, muitas vezes mesclando conhecimento científico e emocional, e que essa prática ocorreu desde os primórdios da formação do pensamento geográfico. Portanto, podemos entender que os primeiros trabalhos de campo na geografia ocorreram com esse caráter exploratório e descritivo, ligado às expedições naturalistas, que aconteceram principalmente do século XIX em diante, quando a disciplina se consolidou enquanto ciência.

Essas pesquisas de campo dependem que seus pesquisadores tenham uma ideia prévia do que vai ser analisado, uma ideia prática, teórica e política, que vai ser desenvolvida durante o campo. A elaboração de questões, o desenvolvimento dos conhecimentos previamente estudados é que farão o bom resultado dessa pesquisa prática, a fim de desenvolver novos conhecimentos. Ou seja,

> [...] o campo é onde a complexidade da realidade é revelada e conduzida à compreensão do geógrafo, munido de seus principais conceitos, como paisagem, espaço, região e lugar, por exemplo, os quais materializam na realidade, dão sentido a ela e dela obtém sentido. É onde as fronteiras acadêmicas das disciplinas deixam de fazer sentido e são substituídas por inúmeras conexões entre os fatos observados, num processo de reconstrução conceitual (Venturi, 2011, p. 21).

Essa prática também está ligada ao desenvolvimento de diversas correntes dentro da geografia, como a Geografia Humanista, a Geografia Crítica e a Geografia Cultural, que se apoiam na observação direta da realidade para analisar e compreender os territórios e as dinâmicas espaciais, sempre respeitando a complexidade das interações entre o espaço e os sujeitos que nele vivem. Podemos visualizar no TC diversas questões como conceituar o espaço, entender a paisagem, o porquê acontece e formular objetivos para pesquisa e obter resultados.

2.2 O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Para uma boa formação dos professores dessa disciplina, é preciso considerar as formas de trazer as realidades escolares ou territoriais para o conhecimento acadêmico e a prática em si. O TC é, portanto, uma ferramenta didática muito importante. Ele pode unir teoria e prática de uma maneira orgânica, que valorize a compreensão das coisas e até mesmo fazer com que as duas sejam mutuamente necessárias. De acordo com Copatti, Pereira e Paim (2021), o TC é uma importante estratégia metodológica para a formação de professores de geografia. No entanto, eles argumentam que também pode servir para desenvolver professores como trabalhadores da educação, especialmente nos casos em que as experiências ocorrem no lugar ou colateralmente.

Tais exercícios, que permitem aos professores em formação participar diretamente das dinâmicas espaciais e examinar fenômenos geográficos de forma

mais aprofundada do que nos livros, também estão ajudando a construir conhecimentos significativos. Além de possibilitar uma melhor assimilação de conceitos e categorias fundamentais da Geografia, o TC auxilia no desenvolvimento de um olhar crítico e analítico sobre o espaço. Os licenciandos, ao realizarem observações, registros, análises de mapas e materiais diversos durante as saídas de campo, são levados à reflexão sobre as características e transformações dos lugares. Trata-se, portanto, de um momento de investigação que transcende a simples coleta de dados, constituindo-se como uma oportunidade de formação integral. Como já afirmado por Copatti (2021),

> [..] o trabalho de campo contribui para a formação docente por meio da possibilidade de os estudantes relacionarem os conteúdos trabalhados em sala de aula com a visualização da realidade, sendo que a partir disso, também possam compreender os contextos em que estão inseridos, e entender as diferentes formas de organização e de transformação do espaço geográfico (p. 52).

A formação do professor de Geografia exige cada vez mais a articulação entre teoria e prática, sendo o TC uma das metodologias fundamentais nesse processo. Projetos como o "Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica" têm se destacado por promover uma prática pedagógica que aproxima o futuro professor das realidades espaciais vivenciadas pelos estudantes e comunidades. O "Nós Propomos!" é uma iniciativa educacional originada em Portugal, criada em 2011 pelo professor Sérgio Claudino, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa). Seu objetivo principal é fomentar a cidadania territorial entre estudantes, incentivando-os a identificar problemas socioambientais locais e propor soluções por meio de pesquisas e trabalhos de campo (Instituto de geografia e ordenamento do território).

De acordo com Carvalho Sobrinho (2021), ao investigar problemáticas locais por meio do TC, os professores em formação desenvolvem competências analíticas e reflexivas essenciais ao exercício da docência crítica. Carvalho Filho (2020) complementa ao evidenciar que o estudo do local, quando orientado por projetos integradores, fortalece o raciocínio geográfico e a capacidade de mediar aprendizagens significativas. Além disso, o uso de tecnologias, como destaca Silva Luz Neto (2021), pode potencializar as atividades de campo ao ampliar os recursos de leitura do espaço, contribuindo para uma formação docente mais dinâmica, contextualizada e sensível às transformações territoriais. Assim, o TC deixa de ser

apenas uma técnica de coleta de dados e passa a representar uma prática formativa que conecta o professor ao território, à sociedade e à sua função social como educador.

3 A PAISAGEM NO TRABALHO DE CAMPO

Este capítulo tem como objetivo entender a importância da paisagem no processo de aprendizado e metodologia estudada, o TC. O conjunto está organizado em partes: a paisagem no TC da geografia, onde analisa-se a paisagem como parte fundamental do TC para a Geografia, e na segunda parte temos, é realizada uma análise dos TC acompanhados e do estudo empírico permeado pelas 10 perguntas respondidas pela pesquisadora sobre cada TC.

3.1 A PAISAGEM NO TRABALHO DE CAMPO DA GEOGRAFIA

No processo de ensino e aprendizagem da Geografia Escolar, a paisagem é uma das categorias mais importantes na ciência Geográfica. Ela serve como uma "forma visível do espaço", permitindo a compreensão da transformação natural em um lugar particular e a observação das mudanças sociais (Cavalcanti, 2008). Portanto, professores de Geografia devem estar bem preparados para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que possam tecer o conteúdo teórico com a experiência vivida dos alunos, o que envolve estimular o pensamento crítico e geográfico. A geografia é uma disciplina que utiliza o espaço como um de seus métodos de ensino, onde é importante observar, refletir, questionar, compreender e interpretar, para uma boa formação do professor e aluno. Para passar por todo esse processo a paisagem é um fator essencial.

Para compreender a importância que o TC tem na Geografia é preciso entender e ter em mente a importância da formação da paisagem, sendo ela modificada ou não. Claudino, (2019) comenta que existe uma necessidade de formação diferenciada dos professores e da participação ativa dos alunos em projetos sobre temas como planejamento urbano, desenvolvimento rural, poluição, problemas sociais, direitos civis, recepção, participação democrática e valorização do patrimônio e do turismo.

Considera-se a paisagem como um conjunto formado por conceitos naturais e culturais, onde ambos são reflexos da história da sociedade e do planeta. A paisagem considerada natural se refere a lagos, rios, vegetação e solos, enquanto a paisagem cultural ou humana sendo um conjunto de modificações feitas pelo homem. A paisagem é a representação de um todo e do que ele representa, quando

pensamos na palavra “paisagem” em geral imaginamos lugares paisagísticos naturais de céu azul e águas cristalinas, mas a paisagem vai além disso, é também o resultado da ação humana sobre o meio que está em constante mudança. Cavalcanti (2004) traz uma definição interessante sobre paisagem, afirmando que

> cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, por isso ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos momentos; ela não é dada para sempre, é objeto de mudança, é resultado de adições e subtrações sucessivas, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico (p. 99).

A partir disso, pode-se considerar a paisagem essencial para a compreensão geográfica, onde a visualização e o contato com o estudo os faz criar uma reflexão sobre as dimensões do lugar onde vivem, e como esse lugar mudou e muda constantemente, graças a questões ambientais, políticas, sociais e culturais. A paisagem permite compreender as mudanças e os resultados dos processos de transformação da natureza. Enfatiza-se a importância do estudo da paisagem na compreensão da realidade, especialmente quando possibilita reconhecer o lugar e identificar os diferentes tipos de paisagens. Seguindo esse pensamento, Callai (2000, p. 97) considerava que o “lugar” poderia demonstrar, por meio da paisagem, a história da população local. Isso deixa perceptível que é possível visualizar a realidade de um lugar em um determinado momento.

Essa perspectiva reforça a ideia de que a paisagem não é algo estático, mas também um plano em movimento que está carregado de significado social, cultural e histórico. Quando o olhar é lançado sobre essa paisagem, também se está lendo as marcas da ação humana sobre a terra, os modos de vida de um povo, as mudanças que passaram por ela. Assim, é necessário estudar a paisagem para conhecer a maneira como as sociedades se estruturam, habitam e se relacionam com o espaço geográfico.

3.2 ANÁLISE DOS TRABALHOS DE CAMPO ACOMPANHADOS

Para construir conceitos sobre o TC na formação do professor de Geografia, foi realizada uma pesquisa empírica diretamente com o TC. Foram observados dois

trabalhos de campo realizados pelos Componentes Curriculares Geografia Cultural e Geografia de Santa Catarina. O TC de Geografia Cultural foi marcado para as 08:45h (horário de Brasília) e se iniciou às 09:10h da manhã no dia 05 de outubro de 2024. Os alunos foram orientados anteriormente em sala sobre o que iriam ver e por que aquele local tinha vínculo com o conteúdo visto, por ser um local que possui a história de Chapecó e assim entender culturalmente como a cidade se construiu. Para esse TC, foi necessário apenas o agendamento do local. O TC foi realizado no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM (Figura 1). O CEOM

> [...] é um Programa Permanente de Extensão Universitária da Unochapecó dedicado à salvaguarda, pesquisa e comunicação de acervos arqueológicos, documentais e bibliográficos da região Oeste de Santa Catarina. Ele se destaca pela atuação contínua ao longo de mais de 35 anos, sendo um dos principais núcleos de preservação e difusão do patrimônio histórico e arqueológico no estado.[2]

O CEOM está localizado dentro da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), o espaço conta com diversos documentos e registros sobre a história de Chapecó.

Figura 1: CEOM

Fonte: Samira Santana Qian, arquivo pessoal (2024).

As fotos acima demonstram a entrada do CEOM e alguns registros da linha do tempo de Chapecó que explicam sua trajetória até os dias atuais.

---

[2] UNOCHAPECÓ. Centro de Educação Online e Metodologias Ativas – CEOM. Disponível em: https://uno.edu.br/ceom. Acesso em: 17 maio 2025.

Os alunos fizeram uma visita guiada pela instrutora do local. O trabalho iniciou com uma apresentação sobre a história de Chapecó, mostrando-se bem interessados e empolgados com o assunto, principalmente quando a guia chegou nos tempos atuais e os estudantes puderam perceber como a cidade se expandiu e se transformou. O professor titular da disciplina que acompanhou a turma utilizou de alguns momentos da fala da instrutora para complementar assuntos vistos em sala de aula.

No local os alunos puderam observar diversos objetos históricos que fizeram parte da história de Chapecó, como urnas de sepultamentos, adornos, utilizados para corte, feitos de rocha, cerâmica e ossos (Figura 2). Além de participarem de um jogo na tv interativa, que disponibiliza perguntas sobre o que foi visto durante a visita. Os alunos também foram levados ao local onde é feito a curadoria dos objetos históricos e onde são guardados todos os arquivos de Chapecó, desde arquivos policiais até notícias e fotografias da história de Chapecó. O campo foi finalizado após a visita e o professor não comentou sobre o conteúdo ou sobre o que foi visto em campo com os alunos.

Após o TC o professor orientou aos alunos que deveria ser feito um relatório de campo relacionando o que foi visto durante o TC com imagens da urbanização de Chapecó.

Figura 2: Artefatos expostos no CEOM

Fonte: Samira Santana Qian, arquivo pessoal (2024).

O segundo campo acompanhado foi realizado pelo Componente Curricular de Geografia de Santa Catarina, e o local escolhido foi o Parque Estadual do Turvo (Figura 3) no Rio Grande do Sul, na intenção de analisar o salto do Yucumã. Para esse campo, foi preciso o agendamento dos estudantes no local e a locação de um ônibus. O TC foi marcado para o dia 01 de dezembro de 2024 com saída de Chapecó às 06:30h e chegada prevista para às 10:30h no local. O trabalho se iniciou às 10:40h com uma apresentação feita pela instrutora do local com auxílio de slides, onde foi explicado aos estudantes como funciona o Parque Estadual do Turvo e que animais e espécies de plantas vivem ali.

Figura 3: Parque Estadual do Turvo

Fonte: Samira Santana Qian, arquivo pessoal (2024).

As imagens acima demonstram a entrada da trilha do yucumã, que leva até a maior queda d'água longitudinal do mundo[3], demonstrado pela foto do rio, mas devido a chuva não foi possível visualizar de forma clara. Junto a essas imagens está uma foto de uma barca que era utilizada pelos balseiros.

Após a palestra de apresentação, os alunos foram encaminhados para conhecer o pequeno museu do espaço (Figura 4) onde estão representados a história do local e diversos animais e objetos históricos. Apesar do campo da disciplina ser feito no Rio Grande do Sul e não em Santa Catarina, a professora orientou os estudantes em sala anteriormente que a ideia era que os alunos observassem o local onde os balseiros passavam transportando suas cargas que saiam de Santa Catarina e passavam pelo Rio Grande do Sul.

Figura 4: Museu do Parque Estadual do Turvo

[3] **MACUCO YUCUMÃ.** Parque do Turvo. Disponível em: https://macucoyucuma.com.br/parque-do-turvo/. Acesso em: 15 jun. 2025

Fonte: Samira Santana Qian, arquivo pessoal (2024).

A apresentação levou cerca de 30 minutos e logo os alunos embarcaram no ônibus para o local de trilha onde iriam caminhar para ver o salto do Yucumã (Figura 5). Antes de iniciar a trilha, os alunos fizeram uma pausa para o almoço e após essa pausa iniciaram a trilha até o salto, infelizmente havia chovido nos dias anteriores então não foi possível ver a queda, já que o rio estava cheio. A instrutora local explicou que

> Uma vez que o nível do rio sobe e desce diariamente, conforme a vazão liberada pela hidrelétrica de Foz do Chapecó, que fica localizada antes do Salto, o mesmo aparece ou desaparece em questão de horas. Muitos turistas se frustram pelo Salto estar cheio ou então se deparam com diversos peixes presos em poças quando o rio baixa rapidamente.[4]

Havia duas trilhas a serem feitas no Parque Estadual do Turvo mas infelizmente a trilha da onça foi cancelada por estar fechada no dia da visita, o que levou os estudantes a finalizarem antes do planejado. Por fim, a professora conversou antes da saída com os alunos e recapitulou o que foi visto no campo com o que foi passado em sala, comentando sobre os balseiros e suas navegações.

[4] PARQUE ESTADUAL DO TURVO. Salto do Yucumã. Disponível em: https://parquedoturvo.wordpress.com/uso-publico/salto-do-yucuma/. Acesso em: 21 maio 2025.

Após analisarmos todas essas informações neste capítulo, estudaremos a seguir quais as potencialidades e quais os desafios que os trabalhos de campo podem nos apresentar.

4 POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Neste capítulo, o objetivo é compreender quais as potencialidades e quais os desafios do TC na formação do professor analisando a pesquisa empírica realizada. Compreendendo, por fim, qual o papel do TC na jornada do docente ao professor de Geografia, e quais os desafios dessa metodologia podem ser enfrentados.

Tabela 1 - Roteiro de pesquisa

Anotações dos diários de bordo		
Perguntas	Trabalho de campo CEOM	Trabalho de campo Parque Estadual do Turvo
A. Por que esse TC foi realizado? Qual o contexto no qual se insere?	Além de ser um requisito obrigatório da disciplina, foi realizado para melhor visualização do conteúdo.	Além de ser um requisito obrigatório da disciplina, foi realizado para melhor visualização do conteúdo.
B. Teve alguma orientação antes do TC? b.1 Caso a resposta seja não, comente como a turma se organizou para o TC. b.2 Caso a resposta seja sim, explique o que foi orientado e como foi realizada a orientação antes da realização do TC?	Os alunos receberam orientações de qual local foi marcado a data e o horário combinado para início, mas não tiveram orientações para perguntas, ou para saberem o que deveria ser visualizado. Assim a turma optou por visualizar o que chamou mais atenção durante o campo.	Os alunos foram orientados do local, data e horário, além disso a professora orientou que levassem protetor solar, roupas adequadas para trilha, repelente e água. Os alunos também foram orientados sobre o porquê o local havia sido escolhido e o que deveriam analisar durante o TC.
C. Onde, quando e quem participou do TC?	Ocorreu no CEOM, localizado na cidade de Chapecó em Santa Catarina, mais especificamente na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNO). Os participantes	Ocorreu no Parque Estadual do Turvo, localizado em Derrubadas, Rio Grande do Sul. Os participantes foram duas turmas de diferentes disciplinas,

	foram os alunos da disciplina de geografia cultural.	sendo geografia de Santa Catarina e biogeografia.
D. Quais recursos ou materiais foram necessários e utilizados antes, durante e depois do TC?	Os alunos foram de forma particular até o local, e utilizaram somente papel, caneta e os celulares para registros fotográficos.	Foi necessário a solicitação de um ônibus para o transporte dos alunos até o local, além do pedido de auxílio para alimentação. Os alunos utilizaram papel, caneta, celulares, repelentes e protetor solar durante o campo para se manterem seguros e fazerem registros.
E. Explique qual o papel realizado pelo professor no TC: antes, durante e depois do TC.	O(A) professor(a) foi muito necessário para a preparação do campo, mas não auxiliou ou informou os alunos durante a atividade, tendo em vista que foi um campo guiado pela instrutora do local.	O(A) professor(a) foi bastante necessário para a preparação dos alunos antes do campo, além de comentar e explicar o que foi visto durante e depois do campo. O TC foi relacionado com o tema de geografia de Santa Catarina.
F. O que coube aos alunos/participantes do TC realizar: antes, durante e depois do TC.	Os alunos realizaram um relatório de campo, após o TC.	Os alunos foram orientados a realizar um relatório de campo depois do TC
G. Quais conteúdos foram trabalhados?	A cultura de Chapecó, urbanização e globalização	Navegações dos balseiros, a história de Santa Catarina.
H. Qual a relação dos conteúdos com o local onde ocorreu o TC?	O CEOM foi escolhido por mostrar como a cidade de Chapecó se formou e evoluiu sendo assim vinculada a disciplina de geografia cultural.	O Parque estadual do turvo foi escolhido apesar de não estar localizado em SC, pois o(a) professor(a) precisou realizar o campo com outra disciplina e para que houvesse assuntos compatíveis para as duas turmas, o parque foi escolhido para que a

		turma de geografia de Santa Catarina pudesse analisar onde os balseiros navegavam com suas cargas que saiam de SC.
I. Teve alguma intercorrência/problema? Qual? Por quê?	Apenas atraso dos alunos para o início do campo.	A chuva que ocorreu alguns dias antes impediu que os alunos pudessem visualizar a queda do rio e fazer uma das trilhas que estava planejada.
J. Comente descrevendo o que você considera importante registrar, e que não aparece nas questões anteriores?	O local escolhido foi interessante e ótimo para recapitular o conteúdo, onde os alunos puderam observar e aprender um pouco mais sobre a cultura da cidade.	O local escolhido foi interessante e ótimo para recapitular o conteúdo, onde os alunos puderam observar e aprender um pouco mais sobre a cultura da cidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Analisando os dois campos, foi possível perceber que os alunos interagem melhor com o professor sobre os assuntos da disciplina, quando estão em contato direto, com as paisagens da realidade. A teoria, ou seja, as análises teóricas realizadas em sala de aula, quando agregada do TC provoca os alunos a fazerem perguntas e compreenderem melhor o ambiente. Nos dois TC os alunos foram provocados com informações e amostras do que estava sendo apresentado.

Especificamente, o TC realizado no CEOM evidenciou, de forma clara, a importância da presencialidade na formação geográfica, pois possibilitou que os conteúdos discutidos em sala de aula fossem analisados, através da observação de amostras, registros e fotografias históricas. Embora essa atividade tenha envolvido pouca interação direta com os elementos naturais, a presença física dos estudantes no espaço do museu permitiu uma imersão significativa no patrimônio histórico e cultural da região.

Já o TC ao Parque Estadual do Turvo, evidenciou a importância do planejamento e preparação do professor para relacionar os conteúdos com o TC. Também deixando evidente os empecilhos que podem ocorrer durante os TC, como a chuva que impediu os alunos de realizar a trilha da onça, que estava no planejamento, e a visualização da queda d’água.

Tomando como referência ambos os TC, pode-se apontar que a presencialidade favorece uma experiência direta, que provoca os alunos a questionarem e assim formarem seus pensamentos geográficos. O TC coletivo auxilia também para que os alunos e o professor conversem entre si e compartilhem opiniões. Assim, mesmo com pouca interação com a natureza, o TC alcançou seus objetivos ao ter o contato direto com fontes materiais e simbólicas que constituem a memória e a identidade local.

Dessa forma, o TC deixa de ser uma ação isolada e passa a ser uma prática pedagógica rica em interação, favorecendo o desenvolvimento de competências como a empatia, a escuta ativa e o pensamento crítico. Conforme Callai (2013, p. 124) “o TC proporciona ao estudante a possibilidade de vivenciar o espaço de forma direta, partilhando impressões e reflexões coletivas que enriquecem a compreensão geográfica”.

Dentre as potencialidades do TC, é possível destacar que a metodologia proporciona uma experiência direta com o espaço. Quando os alunos realizam um TC, conseguem ampliar sua compreensão sobre os conteúdos abordados em sala de forma teórica assim visualizando fatores sociais, econômicos e ambientais. Segundo Callai (2000, p. 14), “o espaço vivido é fonte inesgotável para o conhecimento geográfico, pois nele se materializam as relações sociais e naturais que constituem a realidade”. Essa experiência ajuda a entender a Geografia como uma ciência prática, que vai além de olhar o espaço de forma separada e parada.

Para além disso, o TC desempenha um papel importante no desenvolvimento didático. Kaercher (2001, p. 25) afirma que “o trabalho de campo é, por excelência, uma metodologia que promove a autonomia intelectual e a capacidade de intervenção sobre a realidade”. Planejar, definir objetivos e realizar as atividades de campo exige que um professor saiba observar bem, se organize e consiga ajudar na troca de conhecimentos. Esse processo contribui para a formação de um profissional mais autônomo e reflexivo, que possa propor práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos estudantes e com os desafios do ensino. Como destaca Cavalcanti (1998, p. 108), “o professor que trabalha com o campo como espaço de aprendizagem precisa ser capaz de mediar as relações entre o aluno e a paisagem, conduzindo a observação e a reflexão sobre o espaço”.

Diversos autores destacam que a presencialidade é um aspecto indispensável no TC, uma vez que proporciona a vivência direta dos fenômenos e

das paisagens, favorecendo a percepção espacial e o desenvolvimento de habilidades investigativas (Vesentini, 2010; Castellar, 2013). Para Vesentini (2010), a experiência presencial é insubstituível, pois permite aos estudantes estabelecerem uma relação concreta com o espaço, ampliando sua compreensão sobre as dinâmicas territoriais.

Outro aspecto relevante é o contato direto com o território, no TC realizado no Parque Estadual do Turvo pudemos analisar seus desafios e recursos, o que permite ao estudante entender as relações espaciais, ecológicas e comunitárias que moldam cada região. Esse conhecimento é fundamental para que o futuro docente possa atuar de maneira contextualizada. Vale ressaltar que o TC favorece a integração entre ensino, pesquisa e extensão, especialmente quando inserido em projetos institucionais, como é o caso do “Nós Propomos!”. Essas iniciativas possibilitam aos estudantes vivenciarem experiências interdisciplinares, estabelecendo diálogos entre a universidade e a comunidade, e promovendo ações voltadas à melhoria das condições socioambientais locais. Claudino (2018), ao analisar as experiências do projeto “Nós Propomos!”, ressalta que o TC é uma prática essencial na formação geográfica, pois amplia as possibilidades de compreensão do espaço vivido e provoca a participação cidadã dos estudantes.

Nesse sentido, o TC ultrapassa sua dimensão formativa, assumindo também um caráter social e político. “O projeto Nós Propomos!, por exemplo,

> desafia os alunos a identificarem problemas locais que lhes são relevantes, a realizarem trabalho de campo sobre os mesmos e a apresentarem propostas de intervenção/ação comunitária, que depois partilham com a mesma comunidade, numa assumida perspectiva de formação cidadã” (Claudino & Coscurão, 2019, p. 8).

Mesmo com todo o seu potencial, o TC na prática esbarra em vários desafios que podem diminuir sua força e, às vezes, até impedir que ele aconteça. Um dos grandes obstáculos é a falta de recursos: não ter transporte para levar os alunos ou não contar com materiais e apoio da instituição. Essas situações podem dificultar ou até mesmo impedir que o TC seja realizado. Outro desafio importante refere-se à falta de formação específica por parte de alguns docentes responsáveis pelo TC. A ausência de experiências prévias ou de uma formação adequada pode resultar em atividades pouco efetivas sobre os objetivos pedagógicos, dificultando o aprendizado esperado.

Além disso, o planejamento e a execução do TC necessitam que o professor tenha domínio do que será feito e como será realizado esses procedimentos metodológicos. O professor precisa pensar em como montar roteiros de observação interessantes, em como coletar e analisar informações junto com a turma, e em como preparar materiais que realmente ajudem os alunos da educação básica a aprenderem de verdade.

A coletividade implicada na realização do TC é fundamental para a troca de experiências, assim é possível analisar um lugar de diversos ângulos e visões de mundo. É comum que haja debates entre colegas e professor, com os instrutores ou acompanhantes da atividade em campo, o que instiga ainda mais o diálogo. Segundo Callai (2012), a coletividade desempenha um papel fundamental no TC, uma vez que a aprendizagem geográfica se potencializa por meio do diálogo, da troca de experiências e da ação conjunta. A autora destaca que é nesse ambiente colaborativo que os sujeitos desenvolvem um olhar comprometido com as questões socioespaciais.

Existem também situações imprevistas que podem atrapalhar o roteiro: uma chuva inesperada, preocupações com a segurança dos alunos, lugares de difícil acesso ou tempo limitado que dificulta a realização de todas as atividades, como no TC do Parque Estadual do Turvo, onde a chuva impossibilitou os alunos de verem a queda do rio e de realizar a trilha da onça. Esses imprevistos pedem que o futuro professor saiba se adaptar e planejar muito bem – habilidades que, há de se admitir, nem sempre são tão trabalhadas durante a faculdade.

A resistência cultural também é um empecilho nesses momentos. Muita gente ainda vê o TC como uma atividade "extra", algo secundário na formação do professor. Essa visão mais limitada acaba diminuindo o investimento das instituições e, muitas vezes, até o entusiasmo dos próprios estudantes de licenciatura, que podem não enxergar o quanto essa prática é rica e transformadora para eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TC constitui uma prática pedagógica fundamental no processo de formação do professor de Geografia, uma vez que permite articular a teoria à prática, favorecendo a construção de saberes significativos, contextualizados. Essa metodologia é essencial para que o futuro docente tenha experiências diretas com o espaço geográfico indo além do estudo teórico. Também auxilia no protagonismo e na autonomia dos estudantes.

O contato direto com a paisagem provoca os alunos a questionarem o que estão analisando, onde as questões e as pontuações se tornam um compartilhamento de ideias entre os participantes. A participação ativa no planejamento, execução e análise das atividades de campo promove uma postura investigativa e criativa, fortalecendo o pensamento geográfico.

Os discentes que estão se formando professores, e que participam desse tipo de metodologia, conseguem compreender como o que foi debatido em aula funciona na realidade, observando os aspectos lidos nos livros e pesquisas é possível criar opiniões e compartilhar essas ideias com os colegas participantes. Essa coletividade é também fundamental para esse processo de estudo, onde as ideias compartilhadas se tornam uma opinião que formam um pensamento crítico geográfico. Analisando os trabalhos de campo realizados pela disciplina de Geografia, é possível perceber que muitos aspectos abstratos nas folhas dos livros, são facilmente compreensíveis se demonstrados na forma física, isso faz com o que os estudantes além de compreenderem o conteúdo, consigam conhecer ambientes novos e por que são formados daquela maneira, podendo até compreender o que vai se tornar no futuro.

Uma formação geográfica de qualidade é essencial para que os futuros alunos de ensino básico, ou mesmo ensino superior, compreendam o mundo em que vivem, por quais motivos tal estrutura está localizada ali, ou como uma área florestal se tornou um local de cultivo. Essas análises sociais, econômicas e ambientais são fundamentais para o aprendizado e para a formação de um ser humano enquanto pesquisador.

Considerando todos os fatores analisados durante essa pesquisa é possível dizer que o TC é fundamental na formação de quem vai ensinar Geografia. É

portanto uma ferramenta essencial para que o futuro professor desenvolva um olhar geográfico, saiba fazer os alunos refletirem e conecte o ensino com a realidade deles. Mas, para que essa experiência realmente cumpra seu papel, as faculdades e universidades precisam garantir as condições ideais para ela acontecer e valorizar de verdade essa prática, formando professores que realmente queiram oferecer um ensino de Geografia que faça a diferença.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion Dutra. Abordagens metodológicas da geografia agrária clássica brasileira. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia. v.13, n.42, 2012. p.315-329.

ALVES, F. D.; MONTEIRO, V. A. Características do trabalho de campo na história do pensamento geográfico. **Revista geografar**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 596-615, jul. a dez. 2021.

ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia Ciência da Sociedade**: uma introdução ao pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

CLADINO, Sérgio; FERRÃO, João. Educação geográfica, cidadania e inovação: a experiência do “Nós Propomos!”. **Lisboa: IGOT**, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. O conhecimento geográfico e a formação do professor de Geografia. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, 2011. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820036.pdf. Acesso em: 08 de maio. 2025.

Callai, Helena Copetti. "A formação do profissional da geografia: o professor." **Ijui: ed. UNIJUI,** 2013.

CALLAI, Helena Copetti. A formação do professor de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 20, p. 39–41, dez. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38032/24535. Acesso em: 10 jul. 2025.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia***:* práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLAI, H. C. Educação Geográfica: ensinar e aprender geografia. In: CASTELLAR, S. M. V & MUNHOZ, G. (ORGs). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: XAMÃ, 2012.

CLAUDINO, S.; SOUTO, X. M. Construímos uma educação geográfica para a cidadania participativa . O caso do projeto nós propomos!. **Revista Signos**

Geográficos, [S. l.], v. 1, p. 16, 2019. Disponível https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59171. Acesso em: 22 ago. 2024.

CLAUDINO, Sérgio Filipe; COSCURÃO, Alice Ferreira. Educação geográfica e cidadania: o projeto “Nós Propomos!”. **Revista Giramundo**, v. 6, n. 11, p. 7-16, 2019. Disponível https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/46264/1/2738-6501-1-PB.pdf. em: 27 maio 2025.

CARVALHO FILHO, Odair Ribeiro de. **O ensino de Geografia e o estudo do local: o projeto “Nós Propomos!” no estado de São Paulo/Brasil**. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-22072020-084056/pt-br.ph. Acesso em: 13 maio 2025.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo de. **Educação geográfica e formação cidadã: o projeto Nós Propomos! no Distrito Federal/Brasil**. 2021. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/42928. Acesso em: 13 maio 2025.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Ensinar e aprender Geografia na escola: a importância do trabalho de campo. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella (org.). **Ensino de Geografia: práticas e desafios contemporâneos.** São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2004. p. 192.

COPATTI, Carina; PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; PAIM, Robson Olivino. O trabalho de campo na formação de professores de Geografia: elementos essenciais para a docência. In: KOZENIESKI, Ismael (org**.). Ensino de Geografia e Saberes Docentes**: reflexões, práticas e experiências. Ponta Grossa: UEPG, 2021. p. 29-44. Disponível em: https://books.scielo.org/id/xpjfm/pdf/kozenieski-9786550190149-03.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

DUTRA ALVES, Flamarion; ARCANJO MONTEIRO, Vinicius. Características do trabalho de campo na história do pensamento geográfico. **Revista Geografar**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 596–615, 2021. DOI: 10.5380/geografar.v16i2.80368.

GONÇALVES, Maria Luiza; PONTUSCHKA, Paulo Eduardo. A reflexão crítica na formação docente: experiências e orientações para a prática pedagógica. **Revista Educação & Formação**, v. 9, n. 2, p. 45-60, 2014.

KAERCHER, Nestor André. O trabalho de campo no ensino de Geografia: a possibilidade de uma prática pedagógica transformadora. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella (org.). **O trabalho de campo no ensino de Geografia: percursos, práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 23-37

LOPES, Alice Casimiro; SILVA, Vera Maria Ferrão Candau da. Reformas curriculares e formação docente: desafios para o ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, n. 81, p. 1-18, 2021.

LOUREIRO, Andréa de Oliveira; ROSA, Reinaldo Lindolfo Lopes da. O ensino de Geografia: práticas, saberes e formação docente. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 5, n. 10, p. 45-60, 2015.

NUNES, H. K. B.; SOUSA, S. R. C. T. V.; VIANA, A. I. G. O trabalho de campo na formação do pensamento e do raciocínio geográfico do professor. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 24, e24, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/39981/html. Acesso em: 5 jun. 2025.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Formação de professores de Geografia: desafios e perspectivas. **Cadernos Cedes**, v. 38, n. 105, p. 231-247, 2018.

PEREIRA, Elian Alabi Lucci; PEREIRA, Rosângela Aparecida Costa; CAZARIN, Claudia Aparecida. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 4, p. 55-64, 1990.

SANTOS, Milton; FERREIRA, Lia Osório. A formação de professores de Geografia: rupturas e permanências. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 20, p. 89-104, 2020.

SILVA, Maria Auxiliadora da. Formação docente em Geografia: desafios para a prática pedagógica. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-18, 2020.

SILVA LUZ NETO, Daniel Rodrigues. Projeto *Nós Propomos!* no ensino de Geografia: alternativas de análise territorial no ensino de Geografia por meio das novas tecnologias. **Revista Educação Geográfica em Foco**, v. 2, n. 2, p. 109–126,

SANSOLO, D. G.. O trabalho de campo e o ensino de geografia. **GEOUSP**, N.7, 2000. p. 135-145. https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2000.123409.

SIMIONI, Lilian. **Biblioteca reabre para atendimentos depois do inventário anual**. 2017. Disponível em:

https://www.uffs.edu.br/campi/chapeco/noticias/imagens/biblioteca-reabre-para-atendimentos-depois-do-inventario-anual-foto-lilian-simioni-arquivo-uffs/@@images/image. Acesso em: 13 nov. 2020.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. A técnica e a observação na pesquisa. In: VENTURI, Luis Antonio Bittar.(org). **Geografia**: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Editora Sarandi, 2011. p.11-28. Acesso 12 fev. 2025.

VESENTINI, José William. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Revista Terra Livre**, n. 34, p. 11-19, 2010.